

## O que sempre retorna

As mazelas sofridas pelo personagem principal do filme *The Revenant* são provenientes das fontes de mal-estar descritas por Freud (1927): a natureza, o corpo, o outro.

A história acontece sob um tempo frio, com muita neve, pouca comida, muita dificuldade em se manter vivo e minimamente confortável. As tomadas são muitas vezes feitas à distância o que dá uma sensação ainda mais clara da enormidade inóspita do gelo. O branco da neve – e mais tarde, o homem branco – são sinais bem claros da morte.

O corpo do personagem principal, Glass, é levado ao extremo a todo momento. A luta contra a urso parda, a queda do precipício, além da fome e do frio quase permanentes, são uma espiral sem fim de dor e passividade radicais.

Raros são os momentos de solidariedade e amor. Quando existem são mantidos de forma frágil pelo interesse econômico – também reduzido à sobrevivência – e são atacados a todo momento pelas mais diversas razões. Num determinado momento, Glass é cuidado por um índio que o alimenta e cuida de suas feridas. Ficamos sabendo que esse índio solitário vai buscar ajuda em outra tribo, pois a sua havia sido dizimada. No entanto, mal terminam as cenas de cuidado e reparação, somos surpreendidos pelo cadáver do cuidador, suspenso numa árvore, enforcado por franceses.

O personagem de Glass é construído para ser uma exceção no mundo dos brancos colonizadores. Ele se atreveu a amar o outro, o outro-outro, o outro diferente dele, ele fala a língua do outro, abre mão de seu monolinguismo. O final do filme, um tanto romântico, um tanto utópico, recusa exatamente o que foi o filme como um todo: a vida não tem sentido moral impregnado nela mesma. Trata-se de um longo e perpétuo esforço para que a rede moral mantenha-se firme.

Glass tem sua vida poupada porque salvou uma índia do estupro. A mensagem aqui é de que há uma rede moral, por mais que buracos que ela tenha, ela ainda captura algo, ela ainda resiste. Num filme sobre a vingança, não custaria nada ao índio matar *qualquer* branco, inclusive um que tenha salvado uma das suas. Pode-se, claro, interpretar a cena final como algo que reforça o binarismo maniqueísta, mas a aposta é justamente fazer acreditar que bem e mal, por mais que se misturem, podem ser distintos em alguma medida.

Glass tem muitas semelhanças com o personagem bíblico Jonas. No mito, Jonas recebe a ordem de ir até Nínive para que os assírios não se excedam na violência para com os vencidos. Jonas, como sabemos, a princípio, recusa essa ordem. Estando em viagem de barco, deus faz o mar ficar muito bravo e diz para os marinheiros que serviam Jonas que ele acalmaria o mar se Jonas fosse lançado sozinho ao mar. Assim fizeram, apesar da culpa de supostamente estarem matando um inocente. É aí que Jonas é engolido pelo grande peixe e fica dentro dele dias e noites até que admite que deve seguir os desígnios divinos. A história

ainda continua. Depois de Jonas convencer os assírios a serem menos violentos, ele ainda espera que deus castigue a cidade destruindo-a, mas deus não cumpre isso, deixando Jonas enfurecido. Deus então faz uma abóbora sobre Jonas e ele se alegra, depois manda um verme que resseca a planta e o sol volta a castigá-lo. Deus diz: se você tem compaixão pela abóbora pela qual não trabalhaste, imagine se eu não teria compaixão de todos os habitantes que não sabem distinguir a mão esquerda da direita, além dos animais que lá vivem.

Há um ponto de contato evidente entre as duas histórias: Glass também se abriga dentro do ventre de um animal. O cavalo que cai junto com ele do precipício é eviscerado por ele e seu interior serve de abrigo e proteção contra o frio.

Outro ponto de contato entre as histórias é que há relatos de crueldade sem limite praticadas pelos colonizadores da América e também aquelas feitas pelos assírios: das torturas às montanhas de crânios. Um dos devaneios de Glass é justamente uma pirâmide de crânios de búfalos (que bem poderiam ser dos humanos). Houve de fato uma caça generalizada aos búfalos no século XIX para que os índios ficassem sem alimentos e se restringissem a certos territórios.

Ao contrário de Jonas, no entanto, Glass não visa levar qualquer mensagem contra a violência. Quer apenas realizar sua vingança contra Fitzgerald que matou seu filho. A vingança cessa completamente o ideal de justiça, de perdão, de elaboração do mal sem perpetuá-lo. Glass está machucado demais para deixar passar. Ele sabe – e Fitzgerald ainda diz isso antes de morrer – que matar seu inimigo não trará seus objetos de amor de volta. Renunciar à vingança é, em alguma medida, aceitar a morte de quem amamos. Tal possibilidade é insuportável para Glass: todo seu esforço em sobreviver é para matar Fitzgerald. O nome que ele escreve na pedra, a história que ele registra da forma mais dura possível: Fitzgerald matou meu filho. Como se fosse uma premissa, cuja conclusão lógica só pudesse ser: logo, eu devo matá-lo.

Fitzgerald é a encarnação do egoísmo sádico, da falta absoluta de empatia e solidariedade. Parricida incapaz de qualquer ato de solidariedade que se orgulha desse misto de virilidade e crueldade que compunham a identidade masculina do colonizador. É justamente ele quem deve mostrar a Glass a fragilidade do laço amoroso, do acolhimento e do cuidado. Fitzgerald é o retorno sádico das situações originárias nas quais dependíamos radicalmente do outro. Ele é o fantasma que nos lembra que sempre corremos o risco de não sermos acolhidos e sermos deixados à própria sorte, incapazes de nos manter vivos.

Glass, no entanto, não é um bebê. Como Lázaro, outro personagem bíblico, Glass volta da morte. Mais uma vez, não para trazer a mensagem da ressurreição, de que o amor e a fé podem sim ser mais fortes que a morte. Glass ressuscita, por feridas que parecem nunca cicatrizar o suficiente, apenas para matar Fitzgerald. O filho de Glass é a metáfora do acolhimento: o homem branco que ama genuinamente o índio, que aprende sua linguagem, que aprende a viver seu modo de vida, que aceita ser atravessado pela alteridade e pela diferença. Isso é insuportável para o narcisismo minúsculo de Fitzgerald, que reduz sem cessar a

vida à sobrevivência: neste campo, não há cuidado ou acolhimento. Há apenas luta e perseguição, sem descanso e sem tranquilidade.

O que retorna sempre? Aquilo que retorna é a experiência originária que, na falta de melhor termo, pode ser traduzida como passividade. Passividade diante da natureza, do corpo e do outro. O que Glass tenta nos mostrar – curioso que seu nome signifique a um só tempo espelho e vidro – é que essa experiência não precisa ser apenas trágica. Ela será, na grande maioria das vezes; mas é preciso um esforço, um trabalho de amor, de acolhimento e de adoção, para que a recusa à alteridade não vença a guerra.

O trabalho de civilização nada tem a ver com a colonização do outro. O trabalho da pulsão sexual de vida é sempre fornecer traduções mais abertas à alteridade. A diferença sempre será disruptiva. A grande questão é o quanto estamos dispostos a suportar a diferença, a mudar de percurso. Ali onde eu supunha haver a verdade, o outro me mostra outro caminho que acolho. Outro caminho que me torna mais aberto à diferença do outro e àquela que me habita. Mais aberto, mais flexível, mais prudente com relação aos julgamentos que faço sobre o que sou e o que o outro é; o que desejo e o que o outro deseja; o que devo ser e como devemos viver juntos.

*The Revenant* mostra que é sempre a partir de fiapos de solidariedade que construímos a rede ética que constrói a possibilidade de cuidar do outro. O filme deixa muito claro, no entanto, que é preciso lutar enquanto se respira. É terrível saber que a maior parte de nossa história a luta tem sido para destruir o outro e a nós mesmos. O filme nos coloca a questão moral por excelência: teremos condição, em algum momento, de acolher de forma mais tranquila a diferença e a alteridade sem nos sentirmos tão mortiferamente ameaçados?

Belo Horizonte, 13 de dezembro de 2016

Fábio Belo  
Professor de psicanálise, na UFMG.